

POSSIBILIDADES E DESAFIOS PARA O ENSINO HÍBRIDO: REFLEXÕES SOBRE A SALA DE AULA E O FAZER PEDAGÓGICO DOCENTE

POSSIBILITIES AND CHALLENGES FOR HYBRID EDUCATION: REFLECTIONS
ON THE CLASSROOM AND TEACHING PEDAGOGICAL DOING

Rita de Cássia Borges de Magalhaes Amaral

Centro Universitário São José

Roberto Nunes Bittencourt

Centro Universitário São José

Saulo Ribeiro de Oliveira Mello

Centro Universitário São José

Solange Brito de Azevedo

Centro Universitário São José

Fernando Galvão de Andréa Ferreira

Centro Universitário São José

Nara Maria Fiel de Quevedo Sgarbi

Centro Universitário Grande Dourados- MS

RESUMO

Aprender e /ou ensinar sendo efetivamente partícipe do assunto sobre o qual se está estudando: dessa forma são desenvolvidos os estudos permeados pelas metodologias ativas, que remetem a práticas integralizadoras capazes de transpor os alunos do ambiente tradicional natural da sala de aula a um lugar de tomada de decisões, experimentações e conscientização de suas práticas. Os alunos se desenvolvem, assim, como sujeitos autônomos, educados para serem libertadores e libertos de qualquer sistema aprisionador. Dessa maneira, o presente estudo demonstra a importância de se propor o ensino híbrido como uma metodologia ativa, a qual corrobora na construção de aulas dinâmicas, uma vez que permite um aprendizado mais eficaz voltado ao desenvolvimento social dos alunos, estimulando-os para além da compreensibilidade de conteúdo. Esta pesquisa analisa textos e dados que apontam desde a história da educação, numa brevíssima perspectiva, e dos seus métodos de ensino até a raiz da prática escolar, como ela se configura e se estabelece nas salas de aula. Como resultado, percebe-se que num ambiente didático e dialético é que acontece o devido entendimento autônomo e a criação de espaços coletivos de troca de saberes. Portanto, escrever sobre as metodologias ativas no ambiente escolar é de ampla responsabilidade, pois cada sujeito aprende de uma ou várias formas, mas cabe ao professor regente analisar e contextualizar o que de fato agrega valor aos seus discente, nunca deixando de abrir mão de um olhar flexível para que não se perca a humanização do fazer pedagógico.

Palavras-chave: Metodologias Ativas; Ensino híbrido; Formação Docente

ABSTRACT

Learning and/or teaching by effectively participating in the subject being studied: in this way, studies permeated by active methodologies are developed, which refer to integrative practices capable of transposing students from the traditional natural environment of the classroom to a place of decision-making, experimentation and awareness of their practices. Students thus develop as autonomous subjects, educated to be liberators and freed from any imprisoning system. Thus, this study demonstrates the importance of proposing hybrid teaching as an active methodology, which supports the construction of dynamic classes, as it allows for more effective learning aimed at the social development of students, stimulating them beyond the content comprehensibility. This research analyzes texts and data that point from the history of education, in a very brief perspective, and its teaching methods to the root of school practice, how it is configured and established in classrooms. As a result, it is clear that in a didactic and dialectical environment, the proper autonomous understanding and the creation of collective spaces for the exchange of knowledge take place. Therefore, writing about active methodologies in the school environment is a broad responsibility, as each subject learns in one or several ways, but it is up to the regent teacher to analyze and contextualize what actually adds value to their students, never failing to give up a flexible look so that the humanization of the pedagogical practice is not lost.

Keywords: Active Methodologies; Hybrid teaching; Teacher Training

1. INTRODUÇÃO

Os sujeitos são constituídos pelas formações sociais em que estão inseridos e, assim, determinam as práticas sociais que podem e devem circular em determinado contexto, no sentido de atender às demandas culturais. Do mesmo modo, torna-se relevante pensar tais demandas não como formas homogêneas, mas de modo que possibilite pontuar as idiosincrasias a partir da diversidade.

No campo educacional, o processo ensino-aprendizagem ocorre, tradicionalmente, a partir de elementos pré-selecionados nos campos da comunicação oral, da escrita ou do audiovisual. Mais do que isso, porém, o que se espera da prática docente é uma ação contextualizada, integradora, tomando por princípios as chamadas metodologias ativas, propondo desafios e reflexões para além do teórico; ou, mais ainda, praticar o que se ensina. Numa breve analogia: para se andar de bicicleta, não adianta apenas ouvir os experientes: há que se experimentar, pedalar, vivenciar as dificuldades e buscar as possíveis soluções para não cair: em suma, pôr em prática os passos para andar de bicicleta, desde o primeiro procedimento (guiá-la com segurança) até ao último (descer da bicicleta).

Tomando essa analogia, desenvolver uma pesquisa no âmbito das metodologias ativas e formação docente é um duplo desafio: primeiro, pela discussão de uma prática de sala de aula inovadora, capaz de ir além dos limites da técnica, para alcançar a formação do sujeito como um ser ético, histórico, crítico, reflexivo, transformador e humanizado; em segunda instância, pela discussão da própria formação docente, gerando um professor muitas vezes resistente à incorporação dos novos conceitos e dos valores educacionais promovidos pela contemporaneidade na prática de sala de aula, seja daquele atuante na Educação Básica ou no Ensino Superior.

Nessa vertente direcionada às metodologias ativas, mais especificamente ao ensino híbrido, o professor é o “arquiteto cognitivo” e, para tanto, necessita de desenvoltura e sensibilidade para poder selecionar materiais e estratégias que o auxiliem a trabalhar os conteúdos de forma a influenciar seus alunos em seus aprendizados. Logo, estudar as metodologias ativas para sua aplicabilidade em sala de aula, assim, emerge como a melhor opção para a formação docente, pois se relaciona ao contexto de transformações e mudanças vivenciadas na educação.

Tais pontuações ganham relevância ao pensar um modelo de ensino e aprendizagem que contemple tais complexidades. É nessa direção que as metodologias ativas e, mais especificamente, o ensino híbrido, vem sendo indicado como um caminho viável para o processo de ensino/aprendizagem, considerando as transformações que tal processo precisa sofrer para atender ao público na contemporaneidade.

Sendo assim, será discutido como as metodologias ativas podem ser métodos identificados em um processo pedagógico centrado no estudante, sujeito a ser produtor de autonomia,

desde que essas técnicas não sejam utilizadas isoladamente, usando de uma lógica utilitária característica da educação bancária. Para tanto, o estudo ora posto à luz encontra sua fundamentação teórica, principalmente, em Demo (2004), Nóvoa (2000) e Ribeiro (2008), além de artigos atuais que problematizem as metodologias ativas como ponto importante para o processo de ensino-aprendizagem, em que o discente assume o papel de construtor ativo de conhecimento.

Nessa perspectiva, o sujeito-aluno assume posição de coautor na construção do conhecimento, e isso requer das instituições e docentes uma urgência em se fazer circular outros sentidos distintos do modelo tradicional que caracteriza os modos de aprender e ensinar de forma unívoca. Dessa forma, é preciso estabelecer técnicas e estratégias de ensino que tornem os alunos mais participativos considerando que muitos, senão todos, são nativos digitais.

Diante do contexto, é preciso ponderar sobre a utilização de tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) com o intuito de dinamizar e favorecer a aprendizagem social e individual, pois nas plataformas existem: o compartilhamento e a troca de informações, conhecimentos e saberes; debates abertos; facilitação de uma variedade de notícias e conteúdos; acessibilidade fácil; flexibilidade no que tange tempos e espaços dentre outros benefícios.

É por considerar que as formas e tempos de aprender podem ser distintas para cada sujeito e que somente o modelo de educação tradicional já não compreende o imposto pela atualidade, que o modelo de ensino híbrido (*blended learning*) se coloca como uma alternativa competente, dentre tantas outras voltadas às metodologias ativas.

2. RESSIGNIFICAR OS MODOS DE APRENDER: ENTRE O VELHO E O NOVO, UM CAMINHAR NECESSÁRIO.

Já é falido o entendimento de que o conhecimento reconhecido como válido emana somente do professor, devendo ser repetido e memorizado pelo aluno. A consciência crítica em relação às limitações desse modelo de ensino-aprendizagem remonta ao século XVIII, com as escolas pedagógicas que, ecoando os ventos transformadores das revoluções liberais europeias e da independência estadunidense, preconizavam o reconhecimento do estudante como indivíduo portador de direitos, dentro de um contexto histórico de reconhecimento social da criança.

Então, diante das mudanças socioculturais dos séculos XVIII e XIX, percebemos que as metodologias ativas surgiram em contramão à supremacia do professor contra a passividade de seus alunos, privilegiando suas atividades, o que ficou mais visível no século XIX. Assim, ao longo dos anos, o estudo de metodologias ativas vem se intensificando com o surgimento de novas estratégias em prol da autonomia dos educandos, das mais simples até aquelas

que envolvem a readequação do espaço escolar e as tecnologias das instituições de ensino. Há que se refletir, para entender as discussões em torno das metodologias ativas, sobre a aprendizagem antes da prática. Cabe ao profissional da educação entender que tanto a interação social como a experiência envolvem tanto métodos adequados a serem utilizados como boa relação professor-aluno em vista de aprendizagens satisfatórias e boas práticas conjuntas.

Nesse contexto, as transformações sociais, econômicas, políticas, culturais e tecnológicas das últimas décadas têm impactado a vida das pessoas, as relações, o mercado de trabalho e a sala de aula. Bauman (2009), analisando essas constantes mudanças, relata em seus escritos o estágio atual da humanidade como líquido, contrastando com um estado sólido anterior, quando os indivíduos tinham seus conhecimentos adquiridos em uma fase de suas vidas dando-lhes suporte eterno.

O líquido não se enquadra nessa circunstância: nesse estado prevalece a incerteza e a imprevisibilidade na qual, portanto, a escola se situa e os seus processos também. Daí a necessidade de se repensar a formação docente tendo como destaque a diversidade de saberes, metodologias e didáticas, essenciais à sua prática. Como ponto de partida ao se repensar as práticas docentes, é preciso pontuar que os alunos estão imersos no universo tecnológico, são públicos com tipos de linguagens distintas, “nativos” da linguagem digital dos computadores, celulares e internet. De acordo com Prensky, essa nova geração pode ser chamada de “Nativos Digitais”.

Os estudantes de hoje, do maternal à faculdade, representam as primeiras gerações que cresceram com estas novas tecnologias. Eles passaram a vida inteira cercado por e usando computadores, videogames, tocadores de música digitais, câmeras de vídeo, telefones celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital...passaram menos de 5.000 horas de suas vidas lendo, mas mais de 10.000 horas jogando videogames (não mencionar 20.000 horas assistindo TV). Jogos de computador, e-mail, Internet, telefones celulares e mensagens instantâneas são partes integrantes de sua vida. (PRENSKY, 2010, p.1)

O sujeito-docente diante das condições de produção em que está inserido, precisa buscar adequações para atender a seu público. É notório, no entanto, que ainda é muito comum a influência do método tradicional de ensino centrado no professor e que torna os alunos sujeitos passivos. Eles não nasceram nesse mundo digital, mas em algum momento da vida tiveram de adotar muitos, ou a maioria, dos aspectos da nova tecnologia para alguma necessidade pessoal, sendo chamados de Imigrantes Digitais.

As metodologias ativas se constroem como proposta capaz de romper com as concepções tradicionais de ensino-aprendizagem, sendo a reflexão da prática a principal metodologia ativa que deve orientar docentes em suas falas e ações. No âmbito escolar, visam a

transformar os alunos em protagonistas do processo de ensino-aprendizagem, de forma a construir conhecimento em vez de apenas receber e internalizar conhecimentos transmitidos diretamente em sala.

A ideia de metodologia ativa não é uma novidade na área educacional, tendo como base o fato que diversos pensadores como Jean Piaget ou Emilia Ferrero, cujas ideias deram origem ao construtivismo, já pensavam em métodos de ensino que fugissem ao padrão tradicional. Influenciado pelo contexto externo, ainda que tardiamente, a primeira grande manifestação brasileira a defender ideais semelhantes foi o Manifesto da Escola Nova, publicado em 1932, assinado por 161 pensadores e educadores.

A escola vista desse ângulo novo que nos dá o conceito funcional da educação, deve oferecer à criança um meio vivo e natural, “favorável ao intercâmbio de reações e experiências”, em que ela vivendo sua vida própria, generosa e bela de criança, seja levada “ao trabalho e à ação por meios naturais que a vida suscita quando o trabalho e a ação convêm aos seus interesses e às suas necessidades”. Nessa nova concepção da escola, que é uma reação contra as tendências exclusivamente passivas, intelectualistas e verbalistas da escola tradicional, a atividade que está na base de todos seus trabalhos é a atividade espontânea, alegre e fecunda, dirigida à satisfação das necessidades do próprio indivíduo. (PENNA, 208, p. 130)

Como se pode observar, o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova defendia a aprendizagem baseada na prática. O educador, nessa perspectiva metodológica, ganha a responsabilidade de pesquisar diferentes exercícios que estimulem o desenvolvimento de habilidades e pensamento dos estudantes, possibilitando que adquiram autonomia na busca de conhecimentos. Apesar da grande expectativa, o manifesto não saiu do papel. O fracasso na implementação desse projeto, e de outros semelhantes, encontra reflexos na atualidade, sendo ainda raro o ensino por meio de metodologias ativas.

Quando aplicadas, ocorre troca rápida do método tradicional (expositivo) para as metodologias ativas, sem uma base prévia ou explicação do processo, provando a rejeição por parte dos estudantes, que se sentem confusos e inseguros em relação a pesquisar para adquirir novos conhecimentos, principalmente em disciplinas/conteúdos básicos. Desse modo, além da mudança de método, evidencia-se a necessidade de mudança no comportamento do aluno, dentro e fora de sala de aula, por assumir a responsabilidade pela própria aprendizagem. As metodologias ativas são, portanto, estratégias de ensino em que o discente torna-se agente propulsor da sua aprendizagem, é o elemento central na construção dos seus conhecimentos. Entretanto, não se pode limitar a sua conceituação devido as diferentes concepções desta terminologia.

Essas metodologias podem ser compreendidas como práticas pedagógicas que visam a revolucionar a educação tradicional, buscando novos meios para despertar a interesse

e a proatividade dos discentes no processo de ensino-aprendizagem. Essas práticas se constroem com diferentes ferramentas metodológicas que contribuirão com a aquisição de conhecimentos e o aperfeiçoamento das habilidades e competências requeridas no mercado de trabalho e na vida pessoal.

3. O NOVO COMO POSSIBILIDADES

Cabe ressaltar a preponderância de utilizar variadas ferramentas e estratégias com o objetivo de tornar a construção dos saberes mais dinâmica e atrativa para o alunado, tornando as aulas mais estimulantes e eficazes, pois o aprendizado de cada estudante é individual.

Assim nos explica Bacich & Moran:

As pesquisas atuais da neurociência comprovam que o processo de aprendizagem é único e diferente para cada ser humano, e que cada pessoa aprende o que é mais relevante e o que faz sentido para si, o que gera conexões cognitivas e emocionais. (BACICH & MORAN, 2018, p. 2)

Tal pensamento ratifica o papel fundamental das emoções no processo de aquisição de novos conhecimentos e saberes, tendo em vista que só há criação ou fortalecimento de conexões neurais quando o indivíduo já tem uma estrutura cognitiva relacionada às informações que serão adquiridas ou serão necessárias transformações neurais para absorção dos novos conteúdos.

Para que esses processos ocorram, será necessário que as emoções atuem na psique humana gerando significados e aplicações práticas para a vida. Logo, torna-se essencial a atuação dos docentes no processo de construção dos conhecimentos, sendo necessária uma preparação contínua para os novos desafios educacionais que estão ocorrendo na atualidade com vistas a compreensão da realidade didático-pedagógica e, assim, intervir na sala de aula com atividades que proporcionem aos alunos experiências mais ativas e diversificadas, suscitando emoções e sentimentos prazerosos que farão com que tenham mais interesse e participação nas aulas.

Nas atividades educacionais e seus saberes, os docentes podem utilizar e mesclar algumas metodologias ativas trazendo experiências multissensoriais, vitais na aprendizagem significativa, pois trabalham os diversos recursos cognitivos, sensoriais e emocionais. Para tanto, os professores não podem dominar apenas os conteúdos, mas ter conhecimento suficiente para utilizar as metodologias ativas de forma produtiva e entender quais são os fatores que levam os discentes a absorverem e construir com eficiência os conhecimentos e saberes.

É interessante observar o que nos dizem Leal, Miranda & Nova:

Destaca-se, por fim, a importância da diversificação das estratégias de ensino, de modo que seja possível dinamizar o processo educativo, considerando os variados estilos de aprendizagem dos alunos, o tempo disponível, os objetivos educacionais que se pretende alcançar e a estrutura da instituição de ensino.
(LEAL, MIRANDA & NOVA, 2017, p. 42)

De acordo com as técnicas e estratégias que serão utilizadas, o professor assumirá uma determinada função, quais sejam: curador, mediador, organizador, tutor ou articulador, apenas para citar algumas. Importante ressaltar que cada tipo de atividade exigirá conhecimentos, competências e habilidades específicas; por isso, faz-se necessária uma permanente atualização profissional em decorrência das constantes mudanças que ocorrem na sociedade e, por conseguinte, no perfil dos alunos. Logo, a educação necessita mudar para se adequar às novas realidades que surgem.

O professor precisa romper com os velhos paradigmas educacionais para uma nova mentalidade em que será o planejador e o direcionador das atividades didático-pedagógicas com o objetivo precípuo de contribuir na construção de conhecimentos, competências e habilidades essenciais ao exercício profissional e a aquisição de autonomia dos discentes. Na aplicação das metodologias ativas cabe observar o que nos expõe Leal, Miranda e Nova:

As características pessoais e habilidades profissionais do docente influenciam na escolha da técnica de ensino. Além disso, as condições físicas da sala de aula, o conteúdo a ser trabalhado, o tempo disponível e, principalmente, as características do grupo de alunos são aspectos que devem ser considerados ao se optar por uma determinada técnica.
(LEAL, MIRANDA & NOVA, 2017, p. 55-56)

Dessa forma, levando em consideração o perfil dos alunos que integram as salas de aula no contexto atual, não se pode mais pensar em excluir as TICs do processo educacional, como afirma Kenski (2007, p. 3) “educação e tecnologias são indissociáveis”. A partir da utilização das TICs surge o ensino híbrido que é a integração das melhores práticas da educação presencial e a distância, tornando-se a base para a aplicação de diversas metodologias ativas, como por exemplo, a sala de aula invertida. Nesse tipo de educação há dificuldades e problemas a serem superados; entretanto, as possibilidades e ganhos que se pode obter são inúmeras.

Existem muitas metodologias ativas que podem ser utilizadas no processo de ensino-aprendizagem: aula expositiva dialogada, filme no processo educacional, teatralização,

aprendizagem baseada em problemas (PBL), visita técnica, sala de aula invertida, aprendizagem baseada na investigação (ABIn), aprendizagem baseada em projetos, aprendizagem por histórias (*storytelling*) e jogos, estudo dirigido, debate, seminário, grupo de verbalização/grupo de observação (GV-GO), ensino com pesquisa, método do caso de ensino, jogo de papéis (*role-play*), painel integrado, prática de campo entre outras.

4. SALA DE AULA INVERTIDA COMO RAMO DO ENSINO HÍBRIDO.

Na sala de aula tradicional, o professor utiliza o tempo, na maioria das vezes, para explicitar o conteúdo estabelecido, guardando pouco tempo para realizar práticas pedagógicas que farão o aluno fixar o conteúdo e criar novos conhecimentos. Com o objetivo de alterar a lógica organizacional do ensino tradicional e transformar os paradigmas do ensino presencial, a estratégia tem sido a Sala de aula invertida, ou *flipped classroom*, definida por Valente como:

a sala de aula invertida é uma modalidade de *e-learning* na qual o conteúdo e as instruções são estudados *on-line* antes de o aluno frequentar a sala de aula, que agora passa a ser o local para trabalhar os conteúdos já estudados, realizando atividades práticas como resolução de problemas e projetos, discussão em grupo, laboratórios etc (VALENTE, 2015, p. 12).

Logo, podemos exemplificar da seguinte forma: digamos que a aula dure 50 minutos; o professor vai disponibilizar cerca de 35 minutos para explicar o conteúdo da unidade curricular e os 15 minutos restantes vai utilizar para esclarecer dúvidas, passar um exercício e a tarefa de casa. Quando se inverte a sala de aula, muda-se essa relação com o tempo, porque utilizamos o período inicial que seria passado e explicado o conteúdo para aprofundar os temas abordados, pois o estudante estudará o assunto antes da aula em sua residência com vídeos do professor, com textos disponibilizados ou leituras que o professor indicou. Este passa a ser o compromisso que o estudante tem com seus estudos.

Por conseguinte, o tempo da aula se torna mais produtivo e rico, tendo em vista que professor terá um maior percentual de tempo para sanar as dúvidas, executar dinâmicas de grupo, fazer estudo de caso, jogos, simulações. E, dessa forma, respeitará uma das características marcantes da Sala de Aula Invertida que é, segundo, Bishop e Verleger (2013), não usar o tempo em sala para ministrar aulas expositivas.

Tabela 1 – Definição mais ampla de Sala de Aula Invertida

Em sala de aula	Fora da Sala de Aula
Questões e Respostas	Vídeos e Leituras
Estudos em Grupo	Resolução de atividades fechadas tipo
Resolução de Problemas abertos e fechados	Quizz e Listas de Exercícios

Fonte: BISHOP e VERLEGER (2013).

Mediante essa realidade, o papel do estudante se torna mais ativo porque ele não permanece muito tempo ouvindo o docente, mas sim participando e interagindo com o professor e seus pares, assumindo um papel de protagonista nas aulas. O professor deixa de ser o detentor do conhecimento e assume um caráter de facilitador no processo de ensino-aprendizagem. O modelo de sala de aula invertida, como proposta didática na perspectiva do Ensino Híbrido, busca uma forma de aprendizagem mais ativa e envolvente para o estudante. Como assegura Valente, no Ensino Híbrido:

A responsabilidade da aprendizagem agora é do estudante, que assume uma postura mais participativa, resolvendo problemas, desenvolvendo projetos [...] criando oportunidades para a construção de seu conhecimento. O professor tem a função de mediador, consultor do aprendiz. (VALENTE, 2015, p. 15)

A sala de aula deixa de ter um formato padrão com quadros na frente, cadeiras enfileiradas e alinhadas. Não há frente, nem cantos e pontos fixos e com foco em todos os lugares. O professor irá transitar entre as mesas em que estarão os grupos e cada um deles terá uma tela ou um texto impresso que facilitará o trabalho em conjunto e, dependendo da experiência, o ambiente de aprendizagem poderá ser fora da escola ou no próprio ambiente de trabalho.

É preciso considerar que a sala de aula invertida está imersa à linguagem digital, pois seus protagonistas cresceram com acesso à Internet, redes sociais e vários outros recursos digitais, não pontuar esse fator é silenciar seus autores, pois como relata os autores abaixo Muitos desses estudantes relatam que quando chegam à escola precisam se desconectar e “emburrecer”, já que as escolas proíbem telefones celulares, Ipods e quaisquer outros dispositivos digitais. O mais triste é que a maioria dos alunos carrega consigo dispositivos de computação mais poderosos do que grande parte dos computadores existentes em nossas escolas. (BERGMANN; SAMS, 2016, p.18).

O processo de hibridismo precisa acontecer de forma uniforme entre todos os envolvidos. Logo, as instituições não podem fugir das urgentes adequações. Compreender as transformações sociais como dinâmica inerente à evolução humana é pensar em mudanças nas estruturas que determinam as práticas sociais. Nesse sentido, hibridar o processo de ensino é também pensar a avaliação da aprendizagem que logo, deixa de ser no final do processo e passa a ocorrer em todas as etapas vivenciadas, que irão contribuir para sua apreensão dos conteúdos que gerarão novos conhecimentos e saberes e, posteriormente, com *feedbacks* constantes dos demais aprendizes e do facilitador.

5. METODOLOGIA

O meio utilizado para a realização deste estudo foi a análise de conteúdo, tendo como principal objetivo teórico da pesquisa: Apresentar as Metodologias Ativas e especificamente

o ensino híbrido e sua aplicabilidade em sala de aula, como a melhor opção para a formação docente, pois se relaciona ao contexto de transformações e mudanças vivenciadas na educação no contexto das novas tecnologias.

O presente trabalho constituiu-se numa pesquisa exploratória, descritiva e focada na análise de conteúdo. A fase exploratória baseou-se numa pesquisa bibliográfica, identificando os principais livros, periódicos e artigos científicos produzidos relacionados ao tema, e, posteriormente, foi realizada a análise crítica e reflexiva dos mesmos.

Na análise de conteúdo, ela admite tanto abordagens quantitativas quanto qualitativas, presta-se tanto aos fins exploratórios quanto ao de verificação, confirmando ou não hipóteses ou suposições preestabelecidas. A análise de conteúdo é composta por três etapas: a) a análise preliminar, b) a exploração do material, c) tratamento dos dados e interpretação (VERGARA, 2010).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É consenso entre os autores que se valer das metodologias que privilegiam a participação ativa dos alunos no processo ensino-aprendizagem é realizar aquela que talvez seja a grande missão docente para além de transmitir conteúdos disciplinares: promover a reflexão sobre a própria prática, contribuindo para a formação de jovens e adultos como cidadãos livres, capazes de pensar, de formular suas próprias questões e buscar, por si mesmos, as respostas para os problemas que os circundam. Tal percepção leva à ideia de que as metodologias ativas são, portanto, recursos de grande valia para a formação crítica e reflexiva dos estudantes, sobretudo, por se valer de processos de ensino-aprendizagem que penetram em questões e contextos contemporâneos, ao favorecer a autonomia dos estudantes.

Além disso, há uma grande necessidade de se pensar numa escola mais eficaz para todos. Nesse ponto, a formação docente assume papel fundamental, já que a qualificação do professor é fator importante no processo de aprendizagem da educação. Tal formação que, ressalte-se, deve ser continuada, deve ser ofertada tanto no nível de graduação quanto pela instituição em que atua enquanto professor, recebendo, assim, a devida qualificação no âmbito em que está inserido. Há que se ressaltar que não há uma metodologia mais importante que a outra; ou, mesmo, mais eficaz que a outra: tudo depende do contexto de uso, do planejamento, da aplicabilidade das metodologias conforme planejamento.

REFERÊNCIAS

BACICH, L.; MORAN, J. (orgs). **Metodologias ativas para uma educação inovadora:**

uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009

BISHOP, J. L.; VERLEGER, M. A. **The Flipped Classroom**: A Survey of the Research. Proceedings of the Annual Conference of the American Society for Engineering Education, jan. 2013.

BERGMANN, J.; SAMS, A. **Sala de aula invertida** – uma metodologia ativa de aprendizagem. 1. ed. Rio de Janeiro: 2016.

DEMO P. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2004.

HENRIQUE, M. R.; WASHINGTON, de M. L. **Metodologias ativas**: Do que estamos falando? Base conceitual e relato de pesquisa em andamento. IX simpósio pedagógico e pesquisas em comunicação. 2014.

LEAL, E. A.; MIRANDA, G. J.; NOVA, S. P. de C. (orgs.). **Revolucionando a sala de aula**: como envolver o estudante aplicando as técnicas de metodologias ativas de aprendizagem. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MORÁN, J. **Mudando a educação com metodologias ativas**. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol II. 2015.

MORIN, E. **Educação e complexidade, os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2005.

NÓVOA, A. Universidade e formação docente. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**. N.7. Pg. 129-137, agosto 2000.

PENNA, Lincoln de Abreu. **Manifestos Políticos do Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2008.

PONTECORVO, C. et alli. **Discutindo se aprende: interação social, conhecimento e escola**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

PRENSKY, Marc. **O papel da tecnologia no ensino e na sala de aula**. Conjectura, Caxias do Sul, v. 15, n. 2, maio/ago. 2010.

RIBEIRO, L.R. de C. **Aprendizagem Baseada em Problemas uma experiência no ensino superior**. São Carlos: EduFSCAR, 2008.

VALENTE, José Armando. Prefácio. In: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (orgs.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

VERGARA, S. C. **Métodos de Pesquisa em Administração**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.